

Questão 2

Leia o trecho e responda à questão:

Artistas não fazem arte apenas. Artistas criam e preservam mitos que tornam suas obras influentes. Enquanto os pintores do século XIX enfrentavam questões de credibilidade, Marcel Duchamp, o avô da arte contemporânea, fez da crença sua preocupação artística central. Em 1917, ele declarou que um mictório suspenso era uma obra de arte intitulada Fonte. Ao fazer isso, atribuiu aos artistas em geral um poder quase divino de designar qualquer coisa que quisessem como arte. Não é fácil defender esse tipo de autoridade, mas é essencial para um artista que deseja obter sucesso. Numa esfera na qual tudo pode ser arte, não existe nenhuma medida objetiva de qualidade, de modo que o artista ambicioso deve estabelecer seus próprios padrões de excelência. A construção de padrões exige não apenas uma imensa autoconfiança, mas também a convicção dos outros. Como deidades competitivas, os artistas precisam hoje agir de modo a conquistar um séquito fiel. Ironicamente, ser artista é um ofício.

Sarah Thornton. O que é um artista? Trad. Alexandre Barbosa de Souza. 2015. Adaptado.

- a) Considerando o sentido de “arte” e de “artista” no texto, explique por que, ironicamente, ser artista é um ofício.
- b) “A construção de padrões exige não apenas uma imensa autoconfiança, mas também a convicção dos outros”. Identifique os elementos coesivos do período transcrito e explique que ideia transmitem no texto.

RESOLUÇÃO

a) No texto, o conceito de arte é trabalhado à luz da ideia do estabelecimento de uma espécie de crença: o artista estabelece, pela sua própria vontade e desejo, o que é arte e isso é parte fundamental do processo de consagração de qualquer objeto em arte. Nesse processo de delegação, o artista tem, portanto, uma espécie de autoridade, mas que não é suficiente, pois é necessário que haja, também, a convicção dos outros (artistas e não artistas, possíveis admiradores, críticos de arte, público em geral) para que a delegação do autor/artista seja, de fato, validada como arte, como objeto artístico e não como um simples artefato comum. À parte desse processo de jogo duplo (artista que convence os outros que o que ele produz é arte), tem-se, no texto, a lembrança de que ser artista é um ofício, ou seja, é uma atividade de trabalho que requer técnica e habilidade específicas. Dessa forma, para a autora do texto, há ironia nessa atuação, digamos, “aberta” que um artista pode ter ao delegar o que é arte versus a prática técnica, específica e profissional de um artista.

b) Os elementos coesivos do período são “não apenas/como também”, que transmitem a ideia de uma soma, de um acréscimo indissociável entre a confiança que o próprio artista precisa ter versus a convicção que as outras pessoas, necessariamente, precisam desenvolver com relação à delegação do papel de “arte” engendrada pelo artista.